

FOME

12 de Outubro de 2003 ■ Projetos de Mercado do Jornal do Brasil



Mapa do Fim da Fome II

Estudo da FGV mostra que miséria metropolitana cresceu **Página 5**

Banco Rio de Alimentos

Iniciativa bem sucedida do SESC Rio lança nova campanha **Página 9**

Em dois anos a fome e a miséria cresceram

por MARTA SIMÕES

A despeito de os números indicarem um aumento da miséria na última década, Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas e autor dos dois estudos Mapa do Fim da Fome, o segundo lançado no início deste mês, afirma que a miséria metropolitana é que cresceu no período.

"As grandes metrópoles não têm sido objeto de políticas públicas direcionadas para a área social. Nos últimos anos, o governo vem implementando diversos programas, como o Plano Alvorada, o Bolsa Escola e o Fome Zero, mas todos direcionados para a área rural, onde foram registrados avanços consideráveis, embora ainda possam ser melhorados. Tanto, que houve uma inversão no fluxo migratório. Hoje o número de pessoas que trocam o campo pela cidade é quatro vezes menor. A idéia do Ministério das Cidades que sinalizou com iniciativas nesse sentido é boa, mas ainda não decolou".

De acordo com o pesquisador, entre os 32 milhões que viviam abaixo da linha de pobreza em 92 e os mais de 50 milhões registrados hoje, a diferença está, essencialmente, nos critérios de pesquisa. "Em determinados momentos, a pobreza até caiu de patamar, como na fase posterior ao lançamento do Plano Real. Em outras, como durante as crises externas - a asiática em 97 e posteriormente a russa e a crise argentina, em 98 - houve uma estagnação".

Néri lembra que cidades mais metropolitanas como o Rio de Janeiro, onde 76% da população estão no centro urbano, sofrem mais com o problema. Pelo Mapa do Fim da Fome II são 2,7 milhões de miseráveis no Estado, que ainda apresenta situações que não são encontradas em nenhuma outra região.

No Rio, riqueza e miséria, conforme destaca o estudo, convivem lado a lado. Regiões e bairros contíguos revelam desigualdades abismais.

"E a situação só não está pior graças à mobilização da sociedade civil por meio de organizações como a Ação da Cidadania, o Banco Rio de Alimentos (do Serviço Social do Comércio - Sesc) e o Viva Rio, que têm demonstrado uma vitalidade muito grande, com a vantagem de tratar a questão na região metropolitana, onde as necessidades hoje são particularmente mais graves".

Por outro lado, conforme Néri, embora os números sejam tão grandes, o Mapa revela o quanto seria barato erradicar a miséria. São considerados miseráveis aqueles que têm renda mensal inferior a R\$ 80 e que consomem menos de 2.280 calorias por dia. No bairro de Botafogo, por exemplo, um dos subdistritos de maior renda per capita no Rio, ao lado de Copacabana, Lagoa, Centro e Tijuca, os mais ricos teriam que desembolsar apenas R\$ 1,60 para erradicar a pobreza. Já na região do Complexo do Alemão, um dos



Maurício Andrade, Marcelo Néri e Dionino Colaneri: esforços concentrados na redução da fome e miséria no Brasil



"A desigualdade é uma espécie de Geni. A elite joga pedra, mas dorme com a Geni."

que registra menor renda per capita, assim como Santa Cruz, Guaratiba, Cidade de Deus e Jacarezinho, seriam necessários R\$ 15 de cada um dos que têm mais renda para por fim à miséria nessas comunidades.

"Isso porque a renda local também é menor, portanto, a distribuição exige mais recursos. Ou seja, tem que dar mais quem tem menos para dar. Contudo, o mais importante é destacar que quanto mais eficiente for a distribuição, mais barato vai custar" – explica Néri.

Entre os municípios, os números da miséria são menores em Niterói, Friburgo, Petrópolis, Macaé e Casimiro de Abreu. Entre os mais miseráveis aparecem São Francisco do Itabapoana e Varre-Sai. Mais que apontar números globais, que de certa forma relativizam e distanciam as possibilidades de solução do problema, o estudo regionaliza a miséria, e o mais importante: demonstra que é possível uma melhor distribuição da renda.

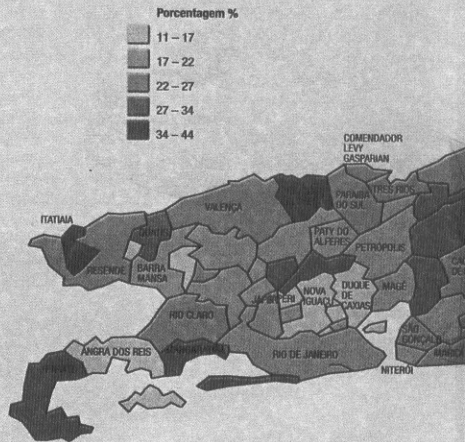
Embora a erradicação da miséria pareça tão factível, o pesquisador admite que as medidas de solução não ocorrem na velocidade que todo mundo gostaria. "No entanto, não sei se a gente já começou a luta com desempenho para a escala do problema. Acho que estamos atravessando um momento histórico. A questão da miséria vem ganhando notoriedade desde 92, quando o Betinho (*o sociólogo Hebert de Souza*) lançou a Campanha pelo Voto Ético e exortou o país a se indignar. A desigualdade social nunca teve tanta importância no imaginário brasileiro como agora", destaca.

Marcelo Néri acredita na eficiência de movimentos como a Ação da Cidadania que, conforme define, está completando 10 anos de persistência. A Ação, segundo o professor, é uma das mais duradouras frentes de mobilização da sociedade civil brasileira e que efetivamente alcança resultados crescentes. A atuação da ONG se ramifica por ações voltadas para a inclusão cultural e digital e o estímulo às medidas de geração de emprego e renda que seriam formas de tratar a questão da miséria de maneira preventiva.

O chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV destaca ainda que o Rio tem vocação para questões nacionais. Lembra que no Estado são criados modelos e práticas, cujo efeito demonstração, associado à capacidade de mobilização da sociedade prova que a solidariedade pode ser contagiosa.

Mapa do fim da fome II

MUNICÍPIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Todavia, o pesquisador adverte que este momento pode ser "perdido". Segundo defende, é preciso vencer resistências e implementar mudanças que promovam uma melhor distribuição de recursos. A seu ver, o Governo vêm conseguindo resultados mais eficazes a partir do momento em que passou a chamar a elite à responsabilidade na divisão da renda. Outra mudança que considera importante está no fato de associar o corte de privilégios aos benefícios sociais e não ao cumprimento de metas macroeconômicas.

"Os dados do século divulgados recentemente pelo IBGE (*Fun-*

Mapa da pobreza – Rio de Janeiro 2000

5 MUNICÍPIOS MENOS MISERÁVEIS (Linha de R\$ 79* - FGV)

	% MISERÁVEIS
Niterói	11,07
Nova Friburgo	11,12
Petrópolis	12,38
Macaré	12,68
Casimiro de Abreu	13,42

5 MUNICÍPIOS MAIS MISERÁVEIS (Linha de R\$ 79* - FGV)

	% MISERÁVEIS
São Francisco de Itabapoana	43,80
Japeri	40,44
Varre-Sai	37,06
Silva Jardim	34,17
Rio das Flores	34,09

5 SUBDISTRITOS MENOS MISERÁVEIS (Linha de R\$ 79* - FGV)

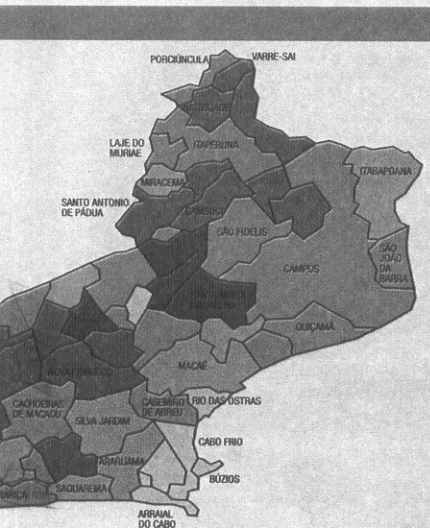
	% MISERÁVEIS
Botafogo	3,14
Copacabana	3,54
Lagoa	3,99
Centro	5,06
Tijuca	5,91

5 SUBDISTRITOS MAIS MISERÁVEIS (Linha de R\$ 79* - FGV)

	% MISERÁVEIS
Complexo do Alemão	29,40
Santa Cruz	27,63
Jacarezinho	27,54
Guaratiba	26,93
Cidade de Deus	26,02

Rio de Janeiro (10*) 14,57

* A preços de São Paulo ajustado pelo custo de vida regional Fonte: CPSIBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000



do, torna-se o único herói capaz de salvar a cidade). A elite joga pedra, mas dorme com a Geni. Porém, a mesma desigualdade que nos envergonha representa uma oportunidade de se fazer uma melhor distribuição de recursos” explica.

Conforme afirma o pesquisador, o Governo brasileiro não gasta pouco com os programas sociais. O orçamento para a área aproxima-se do reservado por países como Costa Rica e Uruguai, os que mais investem no setor. Os contribuintes, por sua vez, pagam muitos impostos e a destinação dos recursos é feita. “O problema é de qualidade da ação”, explica.

O Mapa do Fim da Fome indica ainda que 46% dos miseráveis são os *não voto*, que têm 15 anos ou menos. Em geral são de famílias numerosas e chefiadas por mulheres, ou seja, “é um voto para muitas cabeças”. Conforme afirma Néri, essa é a faixa mais desassistida da indigência. “Os pobres estão sub-representados no mercado eleitoral. Portanto, são as organizações da sociedade civil como a Ação da Cidadania, a Pastoral do Menor e o Banco Rio de Alimentos que devem zelar pelo bem-estar desse grupo”.

Nesse aspecto, o professor destaca a importância do Cadastro da Pessoa Física Social, que identificará os bolsões de miséria e os beneficiários de programas sociais promovidos pelo Estado ou pela sociedade civil. Esse cadastro único e mais abrangente deve direcionar as ações do programa Brasil Sem Fome, lançado pela Ação da Cidadania durante a campanha eleitoral do ano passado e ainda as do Banco Rio de Alimentos, a fim de promover uma melhor distribuição dos benefícios.

O próprio Governo, conforme lembra, também planeja unificar os programas sociais em uma tentativa de integrar melhor suas ações. “É indispensável a participação das três esferas de Governo e da sociedade civil contra a miséria e as regiões metropolitanas devem receber especial atenção”, atesta o pesquisador.

O objetivo do Mapa do Fim da Fome, de acordo com Néri é municiar a sociedade com informações para que possa acompanhar e cobrar ações do Estado. “O Rio tem massa crítica para isso. Concentra as principais instituições de ensino e pesquisa do país e as principais ONGs que geram um efeito de propagação para as demais regiões. O norte é o combate à miséria. Vamos nos indignar com a miséria.” ■

“Os pobres estão sub-representados no mercado eleitoral. Portanto, são as organizações da sociedade civil que devem zelar pelo bem-estar desse grupo.”

De acordo com Néri, em uma sociedade onde poucos têm muito e muitos têm muito pouco, a distribuição de renda é a única solução possível para pôr fim à miséria. E embora reconheça que o povo brasileiro é um dos mais solidários do mundo, Néri destaca que na hora de mexer no bolso a elite tem dificuldade em cortar a própria carne.

“A desigualdade é uma espécie de Geni (personagem de *A Ópera do Malandro*, de Chico Buarque. Um travesti que presta um ‘serviço’ à chamada escória da sociedade, até que, mesmo sendo discrimina-